Lição 2: Definição da Ação Violenta

> *Ora, em tais operações às vezes até são louvados, quando suportam algo torpe ou triste por grandes e bons fins. Ao contrário, porém, são vituperados; pois é próprio dos maus suportar as coisas mais torpes por nenhum bem ou por um bem mínimo. [392]*
>
> *Ora, em alguns casos não se faz louvor, mas perdão, quando por causa daquelas coisas que não se devem fazer, que excedem a natureza humana e que ninguém suportaria, alguém opera. [394]*
>
> *Ora, algumas coisas talvez não se possa ser forçado a fazer, mas antes se deve morrer suportando as coisas mais duras. Pois também os versos de Eurípides sobre Alcmeon parecem risíveis, quando o forçam a matar a mãe. [395]*
>
> *Ora, é difícil às vezes julgar que coisa se deve escolher em troca de que coisa, e o que se deve suportar em troca do quê. [396]*
>
> *Ora, ainda mais difícil é perseverar no que se conheceu. Pois, como acontece na maioria das vezes, as coisas que se esperam são tristes, mas aquelas a que se é forçado são torpes. Por isso os louvores e os vitupérios se fazem conforme se cede ou não à coação. [397]*
>
> *Que tipo de coisas, então, se deve dizer violentas? Ou absolutamente, quando a causa está naquelas coisas que estão fora e aquele que opera nada contribui. Ora, aquelas que em si mesmas são involuntárias, mas agora, em troca de outras coisas, são voluntárias; e aquelas cujo princípio está no operante, em si mesmas são involuntárias, mas agora e em troca de outras coisas são voluntárias; e antes se assemelham às voluntárias, pois as operações versam sobre os singulares, e estes são voluntários. Ora, que tipo de coisas se deve escolher em troca de que tipo de coisas, não é fácil de transmitir, pois há muitas diferenças nos singulares. [398]*
>
> *Se, porém, alguém disser que as coisas deleitáveis e boas são violentas, pois forçam estando fora, então tudo será assim violento, pois por causa delas todos operam todas as coisas. [400]*

> *E os que agem por força e não querendo, agem com tristeza, mas os que agem por causa de algo bom ou deleitável, agem com deleite. [402]*
>
> *Ora, é risível acusar as coisas que estão fora, e não a si mesmo, por ser facilmente capturado por tais coisas. [403]*
>
> *E das coisas boas atribuir a si mesmo, mas das torpes às coisas deleitáveis. [404]*
>
> *Parece, então, que é violento aquilo cujo princípio é extrínseco, nada contribuindo aquele que sofre a força. [405]*

392. ***Ora, nas operações*** etc. Depois que o Filósofo resolveu a dúvida suscitada acerca das coisas que se fazem por medo, mostrando que tais operações são antes voluntárias, aqui manifesta a solução por isto, que o louvor e o vitupério, a honra e a pena são devidos a tais operações, os quais todavia não são devidos senão às operações voluntárias.

E a respeito disto faz duas coisas:

primeiro mostra de que modo a tais operações se deve louvor e vitupério, honra ou pena;

segundo manifesta a dificuldade iminente a respeito disto, ali: ***ora, é difícil*** etc.

Quanto ao primeiro, estabelece três graus de tais operações que se fazem por medo quanto a isto, que mereçam louvor ou vitupério.

393. E quanto ao primeiro diz que em tais operações, que disse serem mistas de voluntário e involuntário, às vezes alguns são louvados por isto, que suportam algo torpe, não certamente um pecado, mas alguma ignomínia, ou também algo triste, isto é, algo aflitivo, por isto, que perseverem em algumas grandes e boas coisas, por exemplo em alguns atos virtuosos. Ora, quando acontece o contrário, são vituperados, porque parece ser próprio do homem mau que suporte as coisas mais torpes, isto é, algumas grandes vexações, por nenhum bem ou por um bem mínimo; pois ninguém suporta algum mal pela conservação de algum bem, a não ser que aquele bem preponderasse em seu coração sobre aqueles bens aos quais se opõem os males que suporta; ora, pertence à desordem do apetite que alguém prefira pequenos bens aos grandes, que são destruídos por grandes males; e por isso diz que isto é próprio do homem mau, que tem o apetite desordenado.

394. Estabelece o segundo grau ali: *ora, em alguns casos* etc. E diz que em certas operações feitas por medo alguém não merece louvor, mas somente se lhe concede perdão, de modo que, a saber, não seja por isso muito vituperado, quando, a saber, alguém opera certas coisas que não se devem, por exemplo algumas coisas não convenientes ao seu estado, sendo todavia não muito graves, por temor de alguns males cuja suportação excede a natureza humana e que ninguém poderia suportar, principalmente por esta causa, por exemplo se alguém estivesse na iminência de suportar a queimadura do fogo se não dissesse alguma mentira jocosa, ou se não fizesse algumas

obras vis e abjetas que não conviriam à sua dignidade.

395. Estabelece o terceiro grau ali: ***ora, algumas coisas talvez*** etc. E diz que certas operações são de tal modo más que para fazê-las nenhuma coação suficiente pode ser aplicada, mas antes deve o homem suportar a morte padecendo os mais duros tormentos do que operar tais coisas, assim como o bem-aventurado Lourenço suportou a queimadura da grelha para não imolar aos ídolos. E isto o Filósofo diz ou porque para quem morre por causa da virtude permanece após a morte a glória, ou porque persistir fortemente no bem da virtude é tão grande bem que a ele não se pode equiparar a longevidade da vida que o homem, ao morrer, perde. E por isso diz que os cantos de Alcmeon, isto é, os poemas sobre Alcmeon feitos pelo poeta Eurípides, parecem ser risíveis, nos quais se narra que Alcmeon foi forçado a matar a mãe por ordem de seu pai, que isto lhe ordenara ao morrer na guerra de Tebas, para a qual fora por conselho de sua esposa.

396. Depois, quando diz: ***ora, é difícil*** etc., estabelece duas dificuldades que são iminentes a respeito das referidas operações, das quais a primeira pertence ao juízo da razão. E diz que às vezes é difícil julgar o que se deve escolher para que alguém evite algum mal, e que mal se deve suportar para que alguém não falte a algum bem.

397. A segunda dificuldade pertence à imutabilidade do afeto. Ele a estabelece ali: ***ora, ainda*** etc. E diz que é ainda mais difícil perseverar constantemente naquilo que o homem conhece pelo juízo da razão do que julgar retamente. E atribui a razão da dificuldade dizendo que, como acontece na maioria das vezes, aquelas coisas que se esperam, isto é, que se temem, são tristes, isto é, aflitivas ou dolorosas, mas aquelas a que os homens são forçados pelo temor destas são torpes, e é difícil que o afeto do homem não seja movido pelo temor da dor. E todavia, porque aquelas coisas a que alguém é forçado por tal meio são torpes, segue-se que, a respeito daqueles que são forçados a agir tais torpezas pelos temores das coisas tristes, se façam vitupérios, mas, a respeito daqueles que não podem ser forçados a isto, se façam louvores.

398. Depois, quando diz: ***que tipo de coisas, então*** etc., conclui com um resumo as coisas que foram ditas para atribuir a razão de algumas delas.

E primeiro retoma a questão principal, a saber, que tipo de coisas se devem dizer violentas.

Segundo retoma a resposta quanto àquelas que são absolutamente violentas, e diz que absolutamente, isto é, de modo absoluto, são violentas aquelas cuja causa está fora, de tal modo que aquele que opera por violência nada contribui para isto.

Terceiro retoma a respeito das operações mistas e diz que aquelas que em si mesmas, isto é, absoluta e universalmente consideradas, são involuntárias, tornam-se voluntárias segundo um certo tempo e por causa de certos eventos; ora, destas, ainda que em si sejam involuntárias, todavia o princípio está no operante, e por isso devem ser ditas voluntárias segundo este tempo e por estas causas; e assim fica evidente que se assemelham mais às voluntárias do que às involuntárias, porque são voluntárias, consideradas as coisas singulares nas quais consistem as operações.

399. Quarto retoma o que dissera sobre a dificuldade que ocorre em tais coisas e diz que não é fácil transmitir que tipo de coisas se deve escolher em troca de que tipo de coisas, e atribui a razão

a isto, que há muitas diferenças nos singulares e por isso o juízo sobre elas não pode ser compreendido sob uma regra certa, mas se deixa à estimativa do prudente.

400. Depois, quando diz: ***se, porém, alguém as coisas deleitáveis*** etc., exclui o erro de alguns acerca daquelas coisas que se fazem por violência. Pois, porque o homem é aquilo que é segundo a razão, pareceu a alguns que o homem por si e como que voluntariamente faria somente aquilo que faz segundo a razão; ora, às vezes acontece que o homem opera contra a razão, ou por concupiscência de algum deleite, ou por cobiça de algum bem exterior; e por isso diziam que as coisas deleitáveis e os bens exteriores, por exemplo as riquezas, são violentas efetivamente, isto é, enquanto, sendo certas coisas extrínsecas, forçam o homem a agir contra a razão. Mas ele próprio reprova isto por cinco razões,

401. das quais a primeira é a seguinte. Se as coisas exteriores, enquanto são deleitáveis e parecem boas, exercem violência, seguir-se-á que todas as coisas que fazemos são violentas e nada nas coisas humanas é voluntário, porque todos os homens, quaisquer coisas que operam, operam por causa destas, isto é, por causa de algo deleitável ou por causa de algo de qualquer modo bom. Ora, isto é inconveniente. Logo também o primeiro.

402. Estabelece a segunda razão ali: ***e os que*** etc. Que é a seguinte. Todos os que operam por violência e involuntários operam com tristeza; por isso também no livro V da Metafísica se diz que a necessidade é contristante porque é contrária à vontade. Mas aqueles que operam por causa de algum bem ou por causa de algo deleitável a ser conquistado operam com deleite. Logo não operam por violência e não querendo.

403. Estabelece a terceira razão ali: ***ora, é risível*** etc. E diz que é risível acusar, isto é, incriminar, os bens exteriores e não incriminar a si mesmo por isto, que se torna capturável, isto é, permite-se ser vencido por tais coisas apetecíveis; pois a nossa vontade não é movida por necessidade por tais coisas apetecíveis, mas pode aderir a elas ou não aderir, pelo fato de que nenhuma delas tem a razão de bem universal e perfeito, como a felicidade, que todos por necessidade queremos.

404. Estabelece a quarta razão ali: ***e das coisas boas a si mesmo*** etc. E diz que é risível que alguém diga ser ele mesmo a causa das coisas boas, isto é, das operações virtuosas, e que as coisas deleitáveis sejam a causa das operações torpes enquanto atraem a concupiscência. Ora, diz que isto é risível porque as operações contrárias se reduzem à mesma potência racional como à causa, e por isso é preciso que, assim como a razão, agindo por si mesma, é causa da operação virtuosa, assim também seja causa da operação viciosa, seguindo as paixões.

405. Estabelece a quinta razão ali: ***parece, então, que é violento*** etc. E diz que é violento aquilo cujo princípio está fora, de tal modo que aquele que sofre a força nada contribui para a ação. Mas aquele que age por causa dos bens exteriores contribui com algo para a ação. Logo, ainda que o princípio que inclina a sua vontade esteja fora, todavia a sua operação não é violenta, nem absolutamente, porque contribui com algo para a operação, nem por alguma mistura, porque nas operações mistas não se torna algo absolutamente voluntário como acontece aqui, e por isso lá o homem opera com tristeza, mas aqui com deleite, como foi dito.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:04:57 by Admin
Updated 15 October 2026 22:53:52 by Admin